

ESTRELLA BOHADANA: UM EXEMPLO DE RESISTÊNCIA CONTRA A DITADURA MILITAR (1969-1979)

ESTRELLA BOHADANA: AN EXAMPLE OF RESISTANCE AGAINST THE MILITARY DICTATORSHIP (1969-1979)

Luane Silva Monção Miranda Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ/Brasil
e-mail luanesmmiranda18@gmail.com

Mylena Vitória Silva da Cunha Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ/Brasil
e-mail cunhamylena01@gmail.com

Thayene Marques Mauricio Ramos Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ/Brasil
e-mail thayeneramos443@gmail.com

Paulo Célio Soares Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ/Brasil
e-mail paulocelio@ugb.edu.br

Resumo Este artigo analisa a trajetória política de Estrella Bohadana, importante militante política, ligada ao POC, que teve uma destacada presença na luta contra a ditadura militar na cidade de Volta Redonda entre 1967-1969, no período dos “anos de chumbo”, marcado por intensa repressão política. Estrella foi a principal articuladora da Frente Operária que reunia diversas organizações de esquerda que lutavam contra a ditadura. A partir da história de Estrella, destacaremos a luta das mulheres nesse processo. Nosso objetivo é discutir a presença e a importância da luta feminina contra a ditadura militar tendo como referência a história de Estrella Dalva Bohadana que viveu os horrores da repressão como tantas outras mulheres. Narrativas como a dela foram apagadas da história de resistência e precisam de destaque. Em nossa pesquisa utilizaremos fontes primárias e documentais, que incluem fontes bibliográficas, documentais e audiovisuais.

Palavras-chave Ditadura militar. Estrella bohadana. Volta Redonda. Mulheres. Resistência.

Abstract This article examines the political trajectory of Estrella Bohadana, a significant political activist affiliated with the POC, who played a central role in the resistance against the military dictatorship in the city of Volta Redonda between 1967 and 1969—a period commonly referred to as the “years of lead,” characterized by severe political repression. Bohadana was the principal organizer of the Workers’ Front, a coalition of various leftist organizations engaged in the struggle against the regime. By focusing on Estrella’s life and activism, this study seeks to underscore the role of women in the broader context of political resistance during this era. The central aim is to explore the presence and significance of female participation in the opposition to the military dictatorship, taking Estrella Dalva Bohadana’s personal history—marked by the brutal realities of repression—as a case study. Narratives such as hers have been largely excluded from the dominant historical discourse on resistance and merit renewed scholarly attention. This research draws on a range of primary and archival sources, including bibliographic materials, official documents, and audiovisual records.

Keywords Military dictatorship. Estrella bohadana. Volta Redonda. Women. Resistance.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 08/07/2025
Publicado em 30/08/2025

1. INTRODUÇÃO

No dia 31 de março do ano de 1964, com um golpe militar que acusava o então presidente João Goulart de comunismo, uma ditadura militar instaurou-se no Brasil e se estendeu por mais de duas décadas, chegando ao fim apenas no ano de 1985. Como argumento para a implantação desse regime, os militares afirmavam que era uma medida protetiva para que o país não se transformasse em uma nação comunista, e por este motivo o presidente João Goulart foi deposto pelos militares. A ditadura foi marcada por muita violência, censura e repressão contra os grupos opositores ao regime.

A região Sul Fluminense foi marcada por essa forte presença e represália militar. Dado o contexto em que o Brasil se encontrou, neste presente trabalho abordaremos a participação das mulheres da região Sul Fluminense do Rio de Janeiro na luta contra a ditadura militar na década de 1970 por meio de um estudo de caso da trajetória da militante Estrella Dalva Bohadana que desenvolveu papel ativo na luta contra a ditadura militar entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970.

Estrella Bohadana era moradora de Barra do Piraí, judia e estudante de arquitetura. Ela iniciou sua participação na resistência contra a ditadura militar ainda na sua adolescência atuando no movimento estudantil, participando de mobilizações, congressos estudantis e peças teatrais na escola. Em 1969 Bohadana entrou para o que seria seu primeiro movimento político, a Polop (Política Operária), uma organização política de esquerda que atuava na clandestinidade.

Em 1970, quando foi presa pela primeira vez no Rio de Janeiro, Estrella era militante da Polop e fazia articulações pela formação de uma Frente Operária em Volta Redonda, da qual faziam parte a Juventude Católica Operária e outros grupos políticos de esquerda. Nessa ocasião, após ser presa, ela foi levada para o 1º BIB, batalhão militar situado em Barra Mansa, local onde sofreu uma série de torturas físicas e psicológicas. Devido a essas torturas sofridas enquanto estava presa, Estrella conviveu com as sequelas até o final de sua vida, e mesmo após o fim da ditadura militar continuou a lutar por justiça e em defesa dos direitos humanos.

Nosso objetivo é destacar a existência e a importância de uma luta feminina de resistência contra a Ditadura Militar por meio da análise da trajetória de Estrella Dalva Bohadana, tendo como fontes documentos bibliográficos, o depoimento da própria, fornecido por meio da Comissão Municipal da Verdade Dom Waldyr Calheiros, de Volta Redonda, além de fontes audiovisuais.

2. A DITADURA NO BRASIL E EM VOLTA REDONDA

O Brasil passou por diversas formas de governos intercalando períodos democráticos e ditatoriais ao longo de sua história. Para uma melhor compreensão da Ditadura Militar, de como foi esse período e como ele se prolongou, é necessário primeiro entendermos a origem do termo ditadura, que segundo o historiador político Noberto Bobbio, “[...] tem sua origem na dictatura romana. O significado moderno da palavra é, porém, completamente diferente da instituição que o termo designava na Roma republicana.” (BOBBIO, 1998, p. 368).

Na Roma antiga, a ditadura era uma instituição apenas solicitada em situações que se apresentavam

extremamente necessárias, tais como guerra ou crises políticas. Nessa ocasião, os romanos elegiam um ditador que possuía muito poder, entretanto esse poder tinha que ser aprovado pelo senado e nenhuma ditadura poderia se estender por mais de seis meses.

Ao compararmos o conceito de ditadura na Roma antiga com a atual concepção, percebemos que a principal diferença na verdade encontra-se no caráter transitório da ditadura romana, que possuía uma constituição e era instalada apenas em situações extremas e de guerras, e não poderiam durar mais de seis meses, além disso o ditador precisava seguir a constituição antes de tomar qualquer decisão visando sempre o bem-estar da população do seu país.

Sobre a ditadura contemporânea, Bobbio a caracteriza da seguinte forma:

"[...] a Ditadura moderna não é autorizada por regras constitucionais: se instaura de fato ou, em todo o caso, subverte a ordem política preexistente. A extensão do seu poder não está predeterminada pela Constituição: seu poder não sofre limites jurídicos. E, embora algumas Ditaduras modernas tendem ainda a se auto-apresentar como "temporárias", sua duração não está antecipadamente fixada: a sua permanência, como a de qualquer outro regime político, depende das vicissitudes da história" (BOBBIO; 1998, p. 368-369).

A Ditadura Militar brasileira, que se iniciou em 1964 por meio de um golpe e perdurou até 1985, se situa nos limites determinados por Bobbio. Os militares tinham como objetivo combater uma suposta “ameaça comunista” que teria como “responsável” o então Presidente João Goulart, que em sua campanha defendeu as chamadas "Reforma de Base I", proposta que incomodou não apenas os militares, mas também a elite nacional e internacional uma vez que se acontecessem, atingiriam os interesses e privilégios desses grupos.

Atualmente sabe-se que também houve ajuda por parte do governo norte-americano na aplicação do golpe, uma vez que era de interesse econômico dos Estados Unidos manter o Brasil como um aliado capitalista em tempos de Guerra Fria, além disso tem-se consciência de que João Goulart foi acusado injustamente. Durante os cinco mandatos presidenciais militares, foram instaurados os chamados Atos Institucionais (AIs) sendo o mais marcante deles o AI-5, que fechou o Congresso e permitiu a cassação de políticos e aumentou a violência policial contra os opositores ao regime.

O período entre os anos de 1968 até 1974 é denominado como os “anos de chumbo”, isto porque foram o período de maior repressão contra os grupos opositores ao regime ditatorial. Em sua grande maioria, esses grupos opositores eram composto por estudantes, artistas e intelectuais que uniram forças para lutar contra a ditadura. Nesse período, milhares de pessoas foram presas, torturadas e muitos também foram exiladas e alguns nomes, em sua maioria masculinos, recebem destaque em filmes, livros e jornais.

Muitas pesquisas e estudos já realizados mostram as diversas faces com as quais a resistência se apresentou durante o período da ditadura. E a presença feminina assim como a masculina teve um papel importante nesta luta, contudo é notória a maneira com que a participação masculina se destaca e se sobressai na maioria dos trabalhos e pesquisas. A historiadora Ana Maria Colling discute essa questão afirmando:

“Se, historicamente, o feminino é entendido como subalterno e analisado “fora da história”, porque sua presença não é registrada, libertar a história é falar de homens e mulheres numa relação igualitária. Falar de mulheres não é somente relatar os fatos em que elas estiveram presentes, mas é reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos. Na esteira de Michel Foucault, é fazer uma arqueologia do feminino; desconstruir a história da história feminina para reconstruí-la em bases mais reais e igualitárias, analisar as práticas discursivas e não discursivas que representam o feminino” (Colling, 2004, n.p.).

Dessa forma, faz-se ainda mais necessário entendermos a resistência à ditadura militar sob a ótica da luta de mulheres como Estrella Bohadana e tantas outras que tiveram participação ativa e que sofreram com as tentativas de silenciamento dos militares, mas mesmo assim, não se calaram.

Em todo o Brasil, houve reações, mesmo que reduzidas, contra o golpe de 1964. Em nossa região, a principal reação ocorreu em Volta Redonda, graças ao Sindicato dos Metalúrgicos, que apoiou Jango. No dia do golpe ocorreu uma greve na CSN liderada pelos sindicalistas Othon Reis Fernandes, Wilton Meira, Genival Silva e Lima Netto. Contudo como resposta imediata à greve, militares do 1º BIB (Batalhão de Infantaria Blindada) de Barra Mansa, se deslocaram até Volta Redonda, reprimindo o movimento e interferindo nos sindicatos, cassando diretorias, afastando pessoas e apreendendo uma série de documentos sindicais que ainda hoje não se sabe sobre o paradeiro, e em posse desses documentos, eles foram utilizados para perseguir figuras religiosas e trabalhadores e todos aqueles que eram entendidos como subversivos à ordem do governo.

3. A LUTA DE GUERRILHA NO BRASIL

Após o Golpe Militar de 1964, grupos de esquerda opuseram-se e organizaram diversas ações contra o regime autoritário. A maioria desses grupos tinha como objetivo promover uma revolução e implantar o sistema socialista. Com a implementação do AI-5 e o endurecimento do regime, alguns desses grupos se convenceram de que somente com a luta armada seriam capazes de vencer o regime militar.

Neste cenário, lançaram-se à luta armada dezenas de organizações das quais se destacam: ALN (Aliança Libertadora Nacional), COLINA (Comando de Libertação Nacional), MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) PCdoB (Partido Comunista do Brasil), VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares). Tais organizações eram compostas majoritariamente por estudantes, operários e religiosos e embora almejassem iniciar a guerrilha rural, as organizações revolucionárias se notabilizaram por suas ações urbanas.

Vistas como atos de propaganda armada da revolução, estas ações incluíam assaltos a agências bancárias, roubos de armamentos do Exército e o sequestro de embaixadores e diplomatas com objetivo de trocá-los por presos políticos. Tais ações serviam para arrecadar fundos para desencadear a guerrilha no campo e sustentar a infraestrutura clandestina destas organizações.

Baseados na luta de guerrilha cubana e os feitos de Che Guevara, segundo Rollemberg (2009), nos anos 1967-68 muitos militantes brasileiros foram para Cuba receber treinamento de guerrilha, como Carlos Marighella, que para os cubanos era considerado um líder eficiente e o grupo o qual fazia parte, ALN

a organização com mais condições de aplicar a luta armada. Nesses treinamentos os guerrilheiros realizavam atividades que os preparavam não só físico, mas mentalmente, ensinavam o uso de armamentos e até cursos de primeiros socorros.

O Estado brasileiro observando a mobilização das organizações, preparou-se pra enfrentar a guerrilha, e investiu então em mais armamento para a polícia e órgãos de repressão, e promoveu atividades de espionagem, prisões e interrogatórios seguidos de tortura e até homicídios.

4. O POC E A FORMAÇÃO DA FRENTE OPERÁRIA

Antes de entendermos como se deu a formação do POC precisamos primeiro falar sobre a POLOP2 ou PO (Organização Revolucionária Marxista- Política Operária), organização política fundada em 1961 em Jundiaí, SP, que reunia membros pecebistas do Rio de Janeiro, da Liga Socialista de São Paulo, grupo luxemburguista; da Mocidade Trabalhista de Minas Gerais, que se juntaram outros grupos independentes de esquerda, críticos do marxismo ortodoxo. A POLOP defendia o caráter socialista da revolução brasileira rompendo com a tese pecebista da revolução nacional-democrática, e a organização de uma frente dos trabalhadores da cidade e do campo sem a participação da burguesia, com a criação de um partido revolucionário a partir dessa frente.

Os principais integrantes dessa frente inicialmente eram estudantes e militares de baixa patente que imediatamente após o golpe militar iniciaram sua organização para a luta armada. Porém o grupo começou a apresentar dissidências internas que resultaram na formação do COLINA e da VPR enquanto o grupo que permaneceu na POLOP vinculou-se com a DI-RS e organizaram então o POC.

O Partido Operário Comunista (POC) era uma organização da esquerda brasileira opositora da ditadura militar (1964-1985), que foi criado em 1968, em São Paulo, a partir da fusão da POLOP com a Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, sua linha política defendia que a revolução brasileira deveria ser socialista e conduzida por um partido de vanguarda da classe operária. Além do meio operário, o Partido ganhou força em setores estudantis através do Movimento Universidade Crítica (MUC), que chegou a contar com cerca de 800 militantes e teve destaque nas greves de Osasco (SP), em 1968, que tiveram grande repercussão entre os movimentos de militância esquerdista nesse período (Figueiredo, 2021).

Pelo fato de ter surgido a partir da composição de duas forças, o POC tinha muitas divergências políticas internas, haja vista que alguns membros defendiam iniciar a luta armada imediatamente, enquanto grupos majoritários defendiam uma revolução de forma pacífica, ou seja, sem guerrilha. Isso fez com que parte dos militantes abrisse uma nova dissidência, originando uma nova POLOP, a OCML-POLOP.

5. A ATUAÇÃO DA FRENTE OPERÁRIA EM VOLTA REDONDA

A Frente Operária em Volta Redonda foi uma articulação entre variados grupos políticos e religiosos que visavam realizar primeiramente um trabalho de conscientização das massas populares e após isso iniciar ações armadas contra os militares.

Estrella Bohadana foi a pessoa responsável por realizar essa articulação entre os grupos que compuseram a FO: a JOC (Juventude Operária Católica), o POC, o PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), o VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares), e a UJP (União da Juventude Patriótica) na cidade de Volta Redonda. Segundo a própria Estrella Bohadana, a articulação da FO em Volta Redonda deu-se da seguinte forma:

“[...] com 19 anos, com 17 pra 18, eu fui para o POC, depois rachou virou POLOP e lá no partido nós vimos que era importante um trabalho de frente operária junto com aqueles lugares, naqueles lugares que tinham tido uma tradição importante de luta no golpe militar, que foi Barra do Piraí e Volta Redonda” e comecei todo um trabalho aqui que culminou em uma frente operária com o pessoal da JOC, PCdoB” (Arquivo CMV-VR - Depoimento de Estrella Bohadana.).

Na formação da FO (Frente Operária) em Volta Redonda, Estrella contou com o apoio inicialmente do padre Natanael de Moraes. Isso foi de fundamental importância, uma vez que houve a junção de jovens cristãos de esquerda com os jovens operários de bairros periféricos, que eram o público alvo do trabalho base de conscientização política pretendido pela FO. Essa articulação teve o apoio, mesmo que velado, do bispo Dom Waldyr Calheiros.

Vale destacar que padre Natanael, Dom Waldyr e inclusive Estrella Bohadana, que tinha o codinome “Lúcia”, já eram conhecidos e estavam sob vigilância militar. Dessa forma, visando proteger as ações e os militantes da Frente Operária, os encontros eram realizados de forma clandestina e em pequenos grupos denominados de células.

A FO local se organizava em 4 células: Célula JOC, Célula POC, Célula UJP-PCdoB e a Célula VAR-Palmares. Em seu depoimento para o Relatório da CMV, Estrella Bohadana afirma que muitas reuniões foram realizadas em espaços da Igreja Católica.

Grande parte do trabalho de base consistia em panfletagem com informações sobre a situação política e econômica do país, ditadura, etc. Algumas dessas panfletagens foram realizadas clandestinamente no interior da CSN e na cidade, onde utilizavam um carro pertencente a um membro da FO, que tinha com um buraco no fundo por onde eram lançados os panfletos pelas ruas.

É importante destacar também que os militares tinham conhecimento desse trabalho da Frente Operária, qualificado como “subversivo”, e pretendiam reprimir a FO mas encontravam dificuldades visto que os militantes dessas organizações atuavam clandestinamente, e usavam codinomes como forma de proteção. Entretanto, visando obter informações e conseguir prender militantes da FO, os militares realizaram ações em militantes da JOC, que não possuíam a menor ligação e nem mesmo conhecimento da existência da FO, foram presas e em muitos casos, submetidas a torturas sem ao menos saber o motivo. Com essas ações os militares conseguiram prender militantes importantes da FO, como Estrella Bohadana, e desarticularam esse movimento com violência.

6. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA DITADURA MILITAR

Ao longo da Ditadura Militar, as mulheres que se encontravam na linha de frente da resistência, enfrentaram a perseguição duas vezes: a primeira por ser mulher e a segunda por serem entendidas como subversivas. E quando presas, a forma com que eram tratadas e até mesmo as torturas que sofriam eram diferenciadas, pois iam muito além do objetivo de conseguir informações e delações. Era uma tortura para desestabilizar a vítima física, emocional e moralmente, segundo Maria Cláudia Bodan:

“[...] a repressão política era dirigida e seletiva, e em especial contra a mulher militante. Considerá-la inapta para o convívio social, isolá-la por prolongado tempo a prisão ou transferi-la para manicômios judiciários, justificando sua periculosidade ou inaptidão para o convívio social, foram casos típicos daquele sistema de governo”. (2020, p.77).

As mulheres eram enxergadas como responsáveis por cuidar dos afazeres do lar, educação dos filhos, e sobretudo agradar aos maridos, mas em hipótese alguma deveriam falar, entender e muito menos participar de forma ativa na política. É importante deixar claro, que mulheres como Estrella Bohadana, que lutavam por questões de cidadania e não exatamente por questões de igualdade entre os gêneros, eram entendidas como inferiores aos homens.

Mas se por um lado as mulheres eram vistas e colocadas em uma posição de inferioridade em relação aos homens, era justamente por essa questão que muitas mulheres conseguiram atuar na luta contra a ditadura militar. Elas utilizavam-se de sua suposta fragilidade de gênero, para em muitos casos, escapar de possíveis prisões ou acusações. Costa destaca essa questão:

“Naquela cultura, uma mulher podia alegar que agiu por amor ao namorado, marido, pai ou filhos, atenuante inaceitável para homens, que como se sabe, agem por convicção ou quando muito por amor pela pátria. Antes de ser presa ouvi de algumas amigas que haviam passado pela experiência que era possível fazer-se de boba. A probabilidade de ser crível como idiota era, a meu ver, inegavelmente maior para as mulheres” (COSTA, 2010, p. 281-282).

Em muitos casos, essa tática funcionou e muitas mulheres conseguiram escapar de permanecerem detidas ao apelarem para o lado sentimental. Isso era plausível pois os militares se identificavam com a mentalidade de que “toda mulher é frágil”, mas em inúmeros casos tal estratégia não funcionava. Esse é o caso de Estrella Bohadana, que já estava sendo monitorada e procurada há muito tempo pelos militares, que sendo mulher, sofreu na pele os horrores daquele regime.

7. O DRAMA DE ESTRELLA BOHADANA: PRISÕES E TORTURAS

Estrella D'alva Bohadana foi uma militante da POLOP, que alcançou grande reconhecimento na região do Sul Fluminense, como organizadora da Frente Operária, que agrupava diversas organizações de oposição à ditadura. Estrella era estudante de Arquitetura na FERP, em Barra do Piraí, onde começou sua militância política aos 19 anos de idade, ingressando no POC que mais tarde sofreu uma divisão formando uma nova Polop na qual Bohadana ingressou.

Em Volta Redonda, Bohadana se aliou aos militantes da JOC (Juventude Operária Católica), ao lado de padre Natanael Campos, com quem dividiu cela pouco tempo depois em uma de suas prisões, e outras organizações de esquerda. Foi o padre Natanael quem atribuiu à Estrella o codinome “Lúcia” para que ela protegesse sua identidade enquanto estivesse realizando atividades da FO.

A desarticulação da FO ocorreu a partir da prisão de padre Natanael e de um militante da JOC, sob acusação de “práticas suspeitas”. Esse fato ocorreu durante uma panfletagem no Cemitério Municipal de Volta Redonda, no Dia de Finados. Eles aproveitaram a movimentação desse feriado para panfletar em apoio a campanha do voto nulo (Relatório CMV-VR, p.276-279).

Essa prisão foi contestada por Dom Waldyr Calheiros pois não havia sequer provas que justificassem a prisão dos envolvidos. O bispo recebe, no dia 06 de novembro, uma intimação para o padre Natanael depor e nesse mesmo dia, padre Natanael foi ao quartel depor, e foi surpreendido ficando detido por acusação de atos subversivos contra o governo. Isso significa que a JOC e suas ações já estavam sendo vigiadas pelo 1º BIB que realizava diversas prisões de militantes da JOC com o objetivo de chegar até os organizadores da Frente Operária.

A prisão de Estrella ocorreu no fim de novembro no Rio de Janeiro e ela foi transferida para o 1º BIB de Barra Mansa. E foi muito comemorada pelos militares do 1º BIB, uma vez que os mesmos possuíam consciência da existência da FO e realizavam há um tempo uma vigilância acerca da organização visando prender os militantes que participavam da organização e principalmente prender a articuladora da Frente Operária; Estrella Bohadana. Usando o codinome de “Lúcia” como forma de proteger sua verdadeira identidade, Estrella conseguiu por um tempo não ser identificada pelos militares contudo, por meio de registros acadêmicos e informações de pessoas que tinham convivência com Estrella, os militares posteriormente descobrem a verdadeira identidade e assim acabam realizando a prisão de Estrella Bohadana.

Estrella em entrevista a CMV-VR (Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda) conta que desde o início sofreu diversas torturas e em repetidas vezes a mantinham nua e tocavam em seu corpo na penumbra além de receber várias seções de pau de arara³, que a fizeram perder 40% de seus tendões, isso comprometeu suas pernas e a impediu de andar durante um longo período. Estrella também pontua que a todo instante que os militares a tratavam de forma sádica e desumana: “Eu lembro que quando consegui ficar de pé eu pensei: Eu tenho Deus nas pernas. Eu achava que tinha uma perna divina”. (Depoimento de Estrella D’alva Bohadana ao filme “Vestida de Sonhos”)

Dom Waldyr atestou também as torturas sofridas por Estrella: “Veio ao meu conhecimento que até lá dentro, a tortura e o abuso também morais que cometiam contra ela, a deixou exposta a toda maldade do ser humano ...” (Depoimento de Dom Waldyr Calheiros para o filme “Vestida de Sonhos”)

Em uma das várias seções de tortura a que foi submetida, Estrella desmaiou e sofreu um aborto. Ela foi levada ao hospital militar onde esteve em coma durante um período. Depois de sua recuperação, foi levada para o DOI-CODI, no Rio de Janeiro, sendo submetida a novas torturas, mas dessa vez com a utilização de técnicas mais apuradas, que não deixavam marcas visíveis no corpo de Estrella.

No Rio de Janeiro, ela dividiu cela com Dilma Rousseff, a quem cita durante a entrevista a CMV como

uma grande companheira pois houve um momento em que Estrella, com a esperança de sair daquela situação antes que desistisse e desse informações aos torturadores, teve a ideia de cortar os pulsos com embalagem de alumínio. Dilma foi quem gritou por ajuda para que a levassem ao médico. Estrella conta que no hospital foi tratada com frieza e seus pulsos foram costurados sem aplicação de anestésias.

Durante entrevista a CMV Estrella também se recorda de torturas em grupo que sofria como a chamada “procissão”:

“De volta, ainda tive várias sessões de tortura e teve uma que era a procissão. Eu participei de uma procissão com o PE. Natanael, Edir Inácio, que era vela enrolada no fio elétrico, no BIB: nua, com vela, com choque no ânus, na vagina, no seio e tinha que cantar a música “Jesus Cristo eu estou aqui”, quem não cantasse mais choque e isso era uma procissão ao ar livre, em volta de um lago, um frio, um frio, que era terrível” (Depoimento de Estrella Bohadana a CMV-VR, 2015, p.311).

Todas as torturas realizadas com mulheres durante as prisões eram realizadas com um tom de sadismo. Ao longo das torturas as presas políticas percebiam que os militares não tinham mais o objetivo de obter informações e sim diminuí-las a uma figura objetificada. Também eram comuns torturas que envolviam família das presas políticas a fim de gerar traumas psicológicos e as obrigar a falar.

Apesar de todas as torturas e humilhações, Bohadana em entrevista diz não se arrepender do que fez e que se pudesse voltar no tempo, não hesitaria em lutar contra a injustiça.

8. A LUTA CONTINUA

Os anos de resistência deixaram marcas na vida de Estrella mesmo depois do fim da ditadura. Em relato para CMV-VR ela contou sobre muitas sequelas físicas e psicológicas deixadas pela tortura, e a forma com a qual teve que lidar com isso pelo resto de sua vida.

“[...] eu cheguei a dizer que não existe ex torturado, que torturado é sempre torturado, porque a tortura para, mas existe um processo interno no qual muitas vezes você próprio se tortura... não pode ver um carro de polícia que sente dor no estomago. De alguma forma tudo que na época a gente enfrentou de forma corajosa depois quando você sai você fica mais fragilizado...” (Depoimento de Estrella Bohadana a CMV-VR, 2015, p.315)

Ela conta ainda que fisicamente também saiu fragilizada, e por conta do chamado “pau de arara” chegou a ficar parálitica e com muita dificuldade voltou a andar, e com apenas 60% dos tendões de suas pernas, saiu de uma das sessões de tortura com grande parte de suas costelas quebradas, agressões tão fortes que a fizeram sofrer um aborto. Ela relata ainda que os choques elétricos provocaram uma grave inflamação nos tecidos mamários e precisou passar por algumas cirurgias, e por fim relata o coma em que entrou. Todavia, toda força que Estrella teve para se manter firme nos tempos sombrios, teve também para voltar a sua vida o mais próximo do habitual possível. Estrella relata em entrevista concedida para Rosane Santiago Cordeiro, que quando saiu do hospital e conseguiu andar, ela sentiu que “tinha Deus nas pernas, que tinha uma perna divina” (Depoimento de Estrella D’alva Bohadana ao filme “Vestida de Sonhos”). Tempos depois Estrella começou a dançar

flamenco, e falou sobre como vencer os desafios da dança também a deixava radiante. Relata também a experiência da gravidez do primeiro filho, narra como foi bom sentir o seu corpo novamente depois de muito tempo, por conseguir sentir o bebê se movimentar na barriga, mas que ainda assim, a hora do parto foi um momento muito difícil pois aquele ambiente a trouxe memórias dos tempos de prisão, e um parto que tinha tudo pra ser normal, acabou tendo de ser cesariana, e como isso a fez perceber o quanto ela ainda tinha muito viva as feridas que até então pensava ter superado, mas mesmo assim relembra o momento do nascimento de seu primeiro filhos como um dos fatos mais felizes de sua vida.

Estrella lutou enquanto pôde para que sua história e de tantas outras pessoas que resistiram à ditadura civil-militar de 1964 não fosse esquecida, para que assim episódios como esse não se repetissem nunca e que seus torturadores fossem presos sem anistia. Sua fala demonstra isso: “Quando eu saí da prisão eu prometi para mim mesma que eu jamais iria fazer um pacto com o silêncio que eu estaria sempre disposta, disponível a denunciar tudo que o vivi... Eu entendo que o Brasil precisa rever essa história”.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do decorrer de nossa pesquisa, percebemos ser evidente que na luta contra a ditadura militar, a presença masculina sempre se sobressai à presença feminina e por este motivo grande parte dos estudos e pesquisas já realizados são focados na participação masculina. Na maioria das vezes a figura da mulher sequer é vista ou até mesmo entendida como um ser ativo que participou de forma dinâmica e eficaz na linha de resistência contra a ditadura militar e que foi tão importante. Ao analisarmos como se deu a participação de Estrella Bohadana na linha de resistência contra a ditadura na cidade de Volta Redonda, percebemos que as mulheres desempenhavam os mais diversos papéis na luta contra o governo ditatorial, e que por muitas vezes utilizavam do preconceito e da misoginia que sofriam como um meio para se fortalecer e não desistir. Mulheres militantes e que se encontravam inseridas com pautas políticas como Estrella D’Alva Bohadana eram perseguidas, e quando presas eram alvos das piores torturas pois além de serem vistas como “subversivas”, elas eram vistas também como pessoas que desorganizavam a ordem estabelecida, uma vez que dada a época, mulher e política eram dois fatores opostos e que em hipótese alguma deveriam se misturar.

É perceptível que até mesmo em termos de tortura e abusos dos mais variados tipos, em relação a prisioneiros homens as mulheres eram acometidas com os mais brutais tratamentos e que em grande parte dos casos como o de Estrella Bohadana, a tortura se tornava algo para além de se obter informações, ela era utilizada como uma forma de desestabilizar emocionalmente e principalmente moralmente as mulheres.

A presente pesquisa mostrou que mesmo com todo o preconceito e machismo com que eram acometidas mulheres como Estrella Bohadana e tantas outras, resistiram e lutaram tão bravamente por aquilo que elas acreditavam. Além disso, a importância dessa presença feminina contra a ditadura militar, se mostrou para além do campo político, uma vez que elas iniciaram sua luta contra a ordem política repressora da época, e instantaneamente se provaram atuantes de todo um cenário social, totalmente capazes de realizarem escolhas conscientes e de serem protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

BADAN, Maria Cláudia. **Mulheres na Luta Armada**: Protagonismo Feminino na ALN (Ação Libertadora Nacional). 1º. ed. :Alameda Editorial,2018.

FERREIRA,Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, militância e memória**. Fundação Getúlio Vargas,Rio de Janeiro, 2018.

GARCIA, Priscila Fernanda da Costa. **As mulheres no movimento estudantil**. I Simpósio sobre estudos de gêneros e políticas públicas. 2010.

RAIMUNDO DE OLIVEIRA, Iêda Lúcia. **Ela também lutou**: O papel da mulher na luta armada contra o regime militar no Brasil (1970-1085). XXXVII Simpósio da Anpuh, 2019.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo, SÁ MOTTA, Rodrigo. **A Ditadura que mudou o Brasil**. ZAHAR,Rio de Janeiro, 2018.

RELATÓRIO DA COMISSÃO MUNICIPAL DA VERDADE DOM WALDYR CLAHEIROS 2013-2015, **Relato oral de Estrella Dalva Bohadana**. Disponível em Depoimento de Estrella Dalva Bohadana na CMV-VR.

RIDENTI,Marcelo; **O Fantasma da Revolução Brasileira**. Editora UNESP,São Paulo,2010.

SOARES, Paulo Celio. **Encontros e Confrontos na Frágua**: Igreja, Esquerdas e Militares em Volta Redonda (1967- 1979). Universidade Federal do Rio de Janeiro Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Seropédica, abril de 2019.

_____ **As Lutas Pela Redemocratização em Volta Redonda** (1974 - 1979). Revista Episteme Transversais – V. 4, N.2, 2013.

ZANDONÁ,Jair; MELLO, Soraia Carolina; WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres de Luta**: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985). APPRIS,Curitiba, 2020.